

J. João V. Mauricio Coelho

Porto Alegre  
Spolis

ANNO I

BRAZIL

N. 4

# REVISTA CATHARINENSE

PUBLICAÇÃO MENSAL DESTINADA À DEFEZA DOS INTERESSES  
DO  
**ESTADO DE SANTA CATHARINA**

## REDACÇÃO

*Director — dr. Theophilo Nolasco d'Almeida*  
*Secretario — Nestor Passos*

### COLLABORADORES :

Conselheiro Manoel da Silva Mafra, General dr. Alexandre Marcellino Bayma, 1.º Tenente dr. Nepomuceno da Costa, José Ramos da Silva Junior, dr. Luiz Delfino dos Santos, dr. M. C. do Rego Barros, dr. Evaristo Nunes Pires, dr. Celso Bayna, Luiz Nunes Pires, 1.º tenente dr. Liberato Bittencourt, Rodolpho Goudel, C. Marques Leite.

✻ Abril de 1900 ✻

CAPITAL FEDERAL

**RUA DA CARIOCA 34—1.º andar**

TYPOGRAPHIA L. MIOTTO

13 BECCO DO FISCO 13  
RIO DE JANEIRO

## EXPEDIENTE

A REVISTA CATHARINENSE apparecerá uma vez por mez

As opiniões emittidas pelos colaboradores correm sob sua responsabilidade exclusiva.

Serão recebidas todas as communicações de interesse publico, dependendo a publicação do juizo da redacção.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Secretaria do CENTRO CATHARINENSE, rua da Carioca 34—1º andar.

## ASSIGNATURAS

Anno	8\$000
Semestre	5\$000
Trimestre	3\$000

Numero avulso 1\$500

## ANNUNCIOS

Uma pagina, 10\$000—Meia pagina, 6\$000—1/4 de pagina, 4\$000.

Quando o annuncio tenha de ser publicado mais de uma vez, gozará de abatimento.

PAGAMENTO ADIANTADO

## "Centro Catharinense"

(Sede: Rua da Carioca 34, 1º Andar)

PRESIDENTE

José Ramos da Silva Junior.

1.º VICE-PRESIDENTE

João Corcoroca.

2.º VICE-PRESIDENTE

João Leopoldo Teixeira Bastos.

1.º SECRETARIO

Alferes-alumno Nestor Passos.

2.º SECRETARIO

Joel Augusto da Silva.

1.º ORADOR

dr. Celso Bayma.

2.º ORADOR

Luiz Nunes Pires.

THESOUREIRO

Rodolpho Goudel.

BIBLIOTHECARIO

Emilio da Silva Simas.

COMMISSÃO FISCAL

Octavio Melchiades, Manoel Ignacio Bricio Guillon e Jacob Bergmann.

CAIXA BENEFICENTE

Manoel Luiz da Costa, Annibal Nunes Pires, Manoel Paulino de Aguiar e Tarquinio de Medeiros.

### Commissões Permanentes

FLORIANOPOLIS

Durval Varella Alves, Francisco de Assis Costa, João Pedro de Oliveira Carvalho, Leonidas Branco, Adalberto Gil Ribas, João Grumiché, Amphiloquio Marques da Silva, Alfredo Juvenal da Silva e José Antonio de Souza Junior.

TUBARÃO

Antonio Bibiano de Assumpção, José Martins Cabral, Gustavo Gonzaga e Francisco Gonçalves da Silva Barreiros.

## GRATOS

São do *Jornal de Uruguayana*, Estado do Rio Grande do Sul, as bondosas palavras, abaixo transcriptas, com que foi anunciado o nosso aparecimento.

«Do Rio, recebemos o primeiro numero da *Revista Catharinense*, publicação mensal destinada a defeza dos interesses do Estado de Santa Catharina.

E' uma linda revista, cuidadosamente editada em 16 paginas, e que conta com escolhido corpo de colaboradores, sobresahindo os srs. Conselheiro Manoel da Silva Malta, General dr. Alexandre Bayma, dr. Luiz Delphino e outros de nomes já feitos em nosso mundo litterario.

Faz tambem parte da redacção o nosso antigo companheiro e illustrado amigo alferes alumno Nestor Passos.

Agradecendo a honrosa visita da importante *Revista*, fazemos votos para que uma brilhante existencia a celebre.»

\* \* \*

Assim se exprimiu, a nosso respeito, a *União*, da Laguna, Estado de Santa Catharina:

«Amigo nosso, obsequiosamente, nos fez chegar ás mãos um exemplar da *Revista Catharinense*, editada pela nobre associação «Centro Catharinense», na Capital Federal.

A *Revista Catharinense* cuja redacção e collaboração estão confiadas a escriptores de merito, è dedicada aos interesses do Estado de Santa Catharina e se publica uma vez por mez.

E' escusado salientar a utilidade da *Revista* bem como a excellencia da sua parte litteraria.

Com estas ligeiras phrases vão os nossos sincerissimos votos pela prosperidade do illustre collega.»

Captivos pela distincção com que nos trata a *União*, permitta nós o collega que lhe peçamos desculpas para o correio, pois o nosso serviço de expedição, dizemol-o sem medo de errar, è perfeito, e toda a imprensa catharinense foi contemplada na distribuição da *Revista*.

## O PORTO

DE

## S. FRANCISCO DO SUL ARSENAES

VI

Procurando dar á materia o desenvolvimento que deve ter, julgo indispensavel, desde já dizer que o Porto de São Francisco, alem de outros requisitos, satisfaz mais a estas duas condições de preferencia, ultimamente exigidas. Primeira, difficuldade em demandal-o, o que não para o inimigo em operações com mettimento dos menos audaciosos pois, por si só, constitue poderoso elemento de defesa, cercado de perigos. Segunda, o seu porto sendo quasi uma dóca, distante do mar alto, resguardado do tempo e dos desastrosos effeitos de um bombardeio, torna-se por esses dois motivos, precioso aos fins a que deve ser destinado.

Não carece dessas grandes obras d'arte que só podem preoccupar áquelles que o desconhecem, pois, só serão necessarias as indispensaveis, e esse melhoramento, qualquer outro

porto escolhido, por mais adequado que seja, não dispensará.

Simula-se entender o contrario, desviando-se com tal declaração, olhares que para ali já se voltam; mas essas nuvens, apenas por alguns instantes, poderão turvar os horisontes, desaparecendo naturalmente.

As sensíveis vasantes, a que alguns se referem, são communs, é certo, aos rios caudalosos, de longo curso. Nunca imaginou, porém, o Porto de São Francisco, que, a excrescencia--Rio, algumas vezes anteposta ao seu nome, constituisse um obstaculo a este importante melhoramento, pois, para que como tal podesse ser considerado, seria preciso, que esta montanhosa e virente Ilha, fosse o seu formoso delta, e o Joinville, o Cubatão etc... seus affluentes; mas, a negação de tudo isto cala, desde que se contemple uma carta d' aquellas paragens.

A correnteza, si existe, deve ser insignificante; extensa seria a sua foz, quando assim se chamasse a barra do Norte: pequenos são, pois, os detritos, seixos, etc, arrastados em todo este percurso, com minima velocidade, até o Oceano sem se depositarem no seu trajecto.

Outros d'éltras e bancos, não se podem formar: Aquelles originam-se como é sabido, da immediata perda de força viva dos materiaes conduzidos, uma vez que chegam as aguas ao Oceano, ou a uma larga bacia, como a I. Marajò no magestoso Amazonas e o famoso delta do Nilo no Egypto, a cuja fórma, assaz semelhante áquella letra grega, devem a sua denominação.

Que novos bancos venham a apparecer, difficil é conceber; não ha curvas nem correnteza. Si existissem, as suas aguas, impellidas de encontro

às margens concavas, iriam ataca-las, formando-se ao mesmo tempo do outro lado, ou para maior clareza, junto da margem opposta, remanso, o que daria logar a um deposito, e vê-se que os bancos pódem ser oriundos d'esta causa. Mas. S. Francisco está iscripto destes temores, como melhor se concluirá da carta que annexarei, no fim deste trabalho.

Por ella ver-se-ha, que, as aguas fornecidas pelo Cubatão, Joinville, Saguassú e outras insignificancias, tomam de preferencia, direcção do Canal Aracary, rumo SSE, em linha recta, como é natural, mas nunca o de NE, ou barra do Norte. As que vêm das Tres-Barras, juntam-se, pois, as do Canal do Aracary avolumando-as. Neste ultimo formaram-se em uma extensão de mais de dez milhas, algumas ilhas, das quaes as mais importantes, são: a do Mel, a do Barco, e a Malcontado. A barra do Norte é, porém, despida d'ellas.

Na direcção das Tres Barras, no continente, é, penso eu, o local que de preferencia, deve ser estudado; destinando-se a bahia de Babitonga para ancoradouro da esquadra e o Canal do Aracary para torpedeiras.

A barra do Norte tem uma profundidade minima de 29 pés; com os ventos de SE as aguas sobem de 1,<sup>m</sup>5, a 2,<sup>m</sup>5, baixam com os ventos do SO.

A barra do Sul, ou Canal do Aracary, pódem dar passagem a pequenas torpedeiras de 7 a 8 pés, na maior baixamar.

Durante a noite, paquetes de alto bordo, com 22 pés de calado, como sejam os hamburguezes que alli fazem escala conseguem entrar e corroborando, o que, ha desoito annos já, dizia o Capitão de Fragata José Antonio Alves Nogueira, no seu relato-

rio, como commandante da corveta « Bahiana »: « Senti bastante não poder fazer esta viagem (ao porto de Santa Catharina) perto da costa, como a do Rio a Santos, pois que, passando pelos canaes da Ilha Grande e de São Sebastião, e, navegando proximo á terra, tive por fim conhecer bem, este pedaço do nosso exten o litoral, *infelizmente mais desconhecido dos nossos officiaes que do estrangeiro* ».

Mas, esta facilidade em demandal-os, apparece em operações, pois, alguns tubos torpedicos e algumas minas submarinas, auxiliados por uma artilheria bem dirigida, tornam sua entrada inexpugnável, acossando os navios de encontro aos perigos que margeiam o canal.

## VI

*O nervo da guerra é o dinheiro. Frederico II da Prussia, Rei e philosopho, dizia, que para vencer, era preciso: dinheiro, dinheiro e ainda dinheiro; Danton, o grande revolucionario, que bastavam tres cousas audacia, audacia e mais audacia: O rei e o revolucionario se completavam, porque eram bellicosos; mas, nós brasileiros, que devemos desejar a paz, a natureza nos prodigalisou tanto, que para mantel-a, carecemos especialmente e muito: querer, querer e ainda querer.*

Imprevidentes, porém, si formos,

As nossas viagens de instrucção, quando se faziam, eram quasi sempre ao Desterro, hoje Florianopolis; os ultimos regulamentos da Escola Naval, dellas mais não cogitam. E' preciso que ellas voltem, e São Francisco seja porto obrigado, pois, quem assim proceder, é que algo quer conseguir, e não aguarda sómente a evolução, baptisando o que o tempo, e só elle, vai fazendo.

Santa Catharina é um Estado desguarnecido, quasi esquecido, entregue a si proprio e aos azares do dia de amanhã. Este procedimento, que se justifica com um excesso de confiança internacional, pôde ser de funestas consequencias, especialmente para um paiz vasto e de extensa costa, como é o Brasil.

Ha alguém mesmo que, vendo as cousas no ar, sem rebuço, manifesta sua indifferença, pela pouca conta em que o tem, e mesmo com certo menosprezo; mas, não se deve tarar, sómente, o progresso e valor de um Estado, pela sua renda: Ha, não tem duvida, uma certa relatividade, entre a prosperidade e a renda; mas que, longe está de ser uma lei uniforme, pois, a mais importante parcella, desta nos paizes novos como o Brasil, é sem duvida a importação, e, quem tudo importa, nada produz. A Australia, S. Francisco da California, etc., foram exemplos disso, nos

rico do mundo. E' a isto que se chama capitalisar.

O vicio, a corrupção, tambem pôdem influir para que nos illudamos acerca do grau de adiantamento e prosperidade de um povo, de um Estado, de uma cidade. São tambem, algumas vezes importantes cifras que pesam na concha da balança; mas para não despertar animosidades, que o digam aquelles que, como eu, percorreram importantes cidades, do Oriente e outras partes do mundo, particularizando Port-Said, qual a sua vida, o seu commercio, o seu progresso, enfim, si assim se pôde chamar o vicio e a degradação da moral?... Mas, para nossa felicidade, abominamos tudo isso, e os seus propagandistas têm encontrado seria resistencia ás suas detestaveis idéas.

O valor real é cousa difficil de reconhecer. O que se dá entre os homens, dá-se entre as Nações, os Estados, e até mesmo as cidades: Ha sempre quem o negue, como ha tambem quem o reconheça. Por isso Santa Catharina ha de surgir do esquecimento sem precisar transformar as secções telegraphicas dos nossos jornaes em cartazes de annuncios espalhafatosos; a sua riqueza é indisputavel, ella existe de facto, quer nas entranhas da terra, quer na fertilidade do seu sólo; possui, mais, além de tudo, o clima ameno, que a todos seduz, o que deu lugar a que os navegantes e historiadores a apellidassem «Paraiso Brasileiro.»

Cobiçado como é, uma vez beligerantes, não serão os seus portos esquecidos do adversario, particularmente o de S. Francisco.

Desconhecido como continua a ser, dos nossos officiaes, só teremos com isso a perder.

As suas cidades principaes, as suas colonias, devem tambem, ser guarnecidas, concorrendo se com isso para sua maior prosperidade, distribuindo-se, irmamente, a força, a lei e a justiça. Que não pareçam simples contribuintes, é esta a má impressão que urge desfazer. Ha quem se surpreenda serem poucos os habitantes das nossas colonias que falam o portuguez, quando nascem e convivem n'um meio, aonde raros são os brasileiros e estes mesmos obrigados a fallar o allemão, para poderem viver ...

A tropa substituida de quando em quando, seria a animação para o commercio e a familiarisação da nossa lingua.

T. N. D'ALMEIDA

## Transfiguração

(Continuação)

### VII

Oh! como te amo! E faltas, andorinha,  
Em buscar outros céos, outras paizes,  
Ir a taça de dias mais felizes  
Encher, longe da terra tua e minha.

Lá nas montanhas de alecrim fagueiro,  
Onde os melros, em maio, andam em bando;  
Onde, ao luar, escuta-se cantando  
O rouxinol em cima do loureiro:

Onde nos bosques canta a cotovia  
Sobre rosas, no resplendor da aurora,  
Aonde antigamente, como agora,  
Faz lembrar aos Romêus, que ahi vem o dia,

Vais ao Tejo beber-lhe as aguas d'oiro,  
Vais ao Lima, e depois ao Manzanares:  
Podias vêr paizes aos milhares,  
Se eu fosse um deus n'um fabuloso toiro.

Sobre o meu dorso, musculoso e forte  
Eu te levava além do praia em praia,  
Entre o Sol que se eleva, e o que desmaia  
Desde este a oeste, de lá o sul ao norte.

Verias tudo.— A colossal grandeza,  
Que n'agua azul do Sênaluz e ondeia,  
Tames grandioso, e a quérula sercia,  
Das aguas do Adriatico a princeza,

Eu caminhara a dentro pela terra,  
Até onde faustosamente assoma,  
A rainha do mundo, a eterna Roma,  
Que tudo quanto ha grande e bello encerra.

Patria das artes viu dentro em seus muros,  
Quanto o genio creador elva, inventa;  
Taça doiro, riquissima e opulenta,  
Que offerece á sede d'arte os sócs mais puros

A ti que sabes, como um livro immenso,  
Que és tambem uma artista deslumbrante,  
Que nome hei-de lembrar-te neste instante,  
Que já não penses, como eu nelle penso !!

A' Grecia, A Grecia, a mãe do amor omnimodo,  
Onde Aphrodite nasce, e Pan, e Homéro  
Lá tambem deves ir, eu lá te quero  
Deusa, com que não pode hombrar Hesjoda,

Além na eónea vaga, que divizas,  
Nesses vergeis esplendidos, serénos  
Onde andava Diana, e andava Venus,  
Nesse mar e vergeis tambem tu pizas.

Terra, de Sapho apaixonada, eu trouxe  
Outra Sapho a pizar-te o chá» em flôres;  
Dos cimos do Helicon corram lieores,  
Que dão, para cantal a a voz mais doce.

Pindaro altivo, surge, e acorda o pleic •  
Rapsódias immortaes renova Romero;  
Venham todos; Orpheo, Trytet austero,  
Grecia pagan, teu luminoso espectro,

Sobre a briza do mar o olente bafo;  
Trance a montanha a tunica azulada  
A e'roe o sol; pois chega a minha amada,  
Melhor que Venus, e melhor que Sapho.

Pois que ella tem o mysterioso encanto  
Do pudor a velar-lhe o corpo humano,  
Que nos altares seus fora Diana,  
Se foss: o nosso Olympo um céu mais santo.

Sobre alguns dos rochedos inclinados  
Nesse mar calmo, e azul, e transparente,  
Ha pedaço de marmore, que sente  
Ainda os pés dos deuses exilados.

Ha capitel, em que se enrola o acantho,  
Na columna de rosa alli partida,  
Que vendo vir a deusa foragida,  
Se ergueia do chá», banhada em pranto:

E um capitel fazendo a outro acóenos,  
Uma columna a outra dando o exemplo,  
Ergueriam do chofre, o antigo templo,  
E o altar sagrado então á casta Venus.

Tu te acharias na ara radiosa,  
Coroar-te-hiam de lyrios e verbena,  
Bejaria-te os pés a vaga helena,  
Rira-te o sol de um céu azul e rosa.

A' noite, por cumprir o antigo rito,  
Deuses verias vir de toda a parte,  
E levantar-se para festejar-te,  
O clamor das estrellas no infinito.

LUIZ DELFINO

(Continúa)

## A Agricultura em Santa Catharina

### II

*Aspecto geographico e climas.—Culturas antigas e culturas modernas. —Meios de desenvolver a agricultura catharinense — Exportação agricola do Estado.*

No primeiro estudo sobre este assumpto de tanta oportunidade, fizemos uma ligeira descripção do aspecto physico do Estado e dos seus climas, para bem salientarmos as razões da fertilidade espantosa das terras catharinenses e da sua reconhecida capacidade para tão differentes culturas.

E, na verdade, com tão bello systema de irrigação, com climas tão amenos e constantes, com terras tão fecundas, não se poderia esperar a esterilidade ou pobreza na producção.

Vimos depois, percorrendo a historia agricola, que Santa Catharina tem um passado memoravel e que os antigos governadores, apesar de constantemente preocupados com as lutas externas da então colonia portugueza muito se esforçaram e muito conseguiram em prol da agricultura.

Esses antigos administradores comprehendiam melhor que os de hoje, que o futuro da terra catharinense está no cultivo dos campos, pois que, alli se acha talvez a porção do territorio brasileiro mais apropriada ao desenvolvimento agricola.

Já salientámos as principaes culturas antigas, notando que todas deram resultados satisfactorios em epochas remotas.

Só nos ficaram d'esse passado prospero, o café e o fumo, que têm ultimamente tomado incremento notavel.

Quanto ao algodão, chá, anil, linho e baunilha, apenas nos resta a lembrança, a não ser uma ou outra plantação, cuja colheita fica com os proprietarios ou plantadores.

Passando agora ao estudo do que encontramos actualmente no Estado, podemos nos alegrar um pouco quanto ao cultivo de cereaes.

A nossa exportação d'estes productos para os mercados nacionaes e principalmente para o da Capital Federal, contribue muito para diminuir a vergonhosa importação do estrangeiro para os Estados incapazes de produzir o sufficiente para o consumo.

Notamos em Santa Catharina alguma animação no plantio de cereaes, principalmente no sul do Estado e com especialidade nos municipios da Laguna e do Tubarão, que exportam para diferentes mercados.

Essa cultura é abundante na zona serrana, pois os fertilissimos valles dos rios *Pelotas*, *Canôas*, *Marombas e do Peixe*, garantem colheitas compensadoras.

E' para lastimar que estas não possam transpor os limites serranos por falta absoluta de meios econo-

micos de transporte, para mercados consumidores.

Vem a proposito lembrar as pa lavras eloquentes do inolvidavel Visconde de Taunay, proferidas na tribuna da Camara dos Deputados.

Referindo-se ao municipio de Lages, o mais importante de serra acima, disse o illustre orador:

« E' um municipio destinado ao maior desenvolvimento, sem exageração posso dizer que as melhores esperanças de Santa Catharina estão todas n'aquelle municipio, o qual só pede vias de comunicação para tomar invejavel incremento. »

Convem lembrar que a abundancia dos municipios serranos é na sua maior parte devida a uberidade do solo, pois que a população, *eminente-mente activa*, como dizia E. Taunay, dedica-se com entusiasmo e exclusivismo á industria pastoril. Para isso aproveitam os excellentes campos e as ricas *invernadas*, as mais bellas do sul do Brazil.

De passagem, podemos dizer que as extensas campinas lageanas alimentam para mais de 300.000 cabeças de gado vaccum, cavallar e lanigero. A produção annual é calculada em 60.000 cabeças.

A exportação eleva-se a 30.000, sendo em grande quantidade para o Rio Grande do Sul e em menor escala para o litoral e norte do Estado, para o Paraná e S. Paulo.

Quanto ao plantio, devemos dizer que no planalto serrano cultiva-se milho, feijão, alguma canna de asucar nos valles dos rios *Peixe e Canôas*, e, em pequena escala, trigo, centeio, cevada e chá. Nas *roças* de milho e feijão planta-se grande quantidade de aboboras para a criação e engorde do gado porcino, que é exportado

em pé para o Rio Grande do Sul e para o litoral.

As melhores culturas das terras são: milho, feijão, arroz, mandioca, canna de assucar, bananeiras, abacaxy, amendoim, sagú, além do café e do fumo dos quaes já fallámos.

Apenas se nota em algumas localidades plantações de algodão, de araruta e de amoreira, esta para a criação do bicho da seda.

Encontra-se a videira em todo o Estado, porém, sem resultados apreciaveis, devido á ignorancia completa de tal cultivo e á falta absoluta do minimo cuidado para tão preciosa quão delicada cultura. Apesar disso o fructo é excellente.

Uma das maiores riquezas de S. Catharina é, sem duvida, em arvores fructíferas. O Estado presta-se admiravelmente para a pomicultura.

E isso deve-se ainda á providencial divisão das terras catharinenses em duas partes distinctas pela serra do mar, formando *meios* adequados para as fructeiras dos climas frios.

O planalto serrano com o seu bellissimo clima sul-europeu, alimenta a macieira, a pereira, a nogueira, o pecegueiro, o marmeleiro, a videira, além de grande numero de fructas indigenas.

São extraordinariamente apreciadas as maçãs, as peras e os pecegos de Lages, fructos todos, incontestavelmente, de qualidade superior aos que importamos do estrangeiro.

Quem uma vez tiver saboreado uma pera de Lages, nunca mais poderá supportar o gosto detestavel dos arremedos de peras, que se vendem nas ruas do Rio de Janeiro.

E' para lastimar que não tenha tomado vulto o plantio da nogueira em

Lages, pois as nozes d'alli rivalisam com as melhores estrangeiras.

Nas terras maritimas, além da bananeira, da laranjeira, do marmeleiro, do abacateiro, que existem em grande quantidade, tambem se notam o cajueiro, a mangueira, a jabuticabeira, o jambeiro, a jaqueira, a goiabeira, a romeira, etc., etc.

Felizmente já se cuida em Santa Catharina do plantio da bananeira, e isto como consequencia dos resultados favoraveis da grande exportação para os mercados platinos, especialmente para Montevidéo.

Tratando das produções agricolas de Santa Catharina não nos devemos esquecer da cultura das plantas forrageas, crimosamente desprezada em todo o paiz.

Para conhecermos de um só golpe de vista a nossa incuria n'este assumpto, basta nos lembrarmos que não produzimos a alimentação para o nosso cavallo, unico meio de transporte que possuímos no caso de uma guerra de fronteiras.

Ainda nos recordamos das palavras do nosso illustre mestre neste assumpto, o benemerito Dr. Campos da Paz, que dizia:

« Talvez não haja paiz algum do Globo onde as plantas forrageas se desenvolvam tão bem como o nosso, que as possui nativas em grande abundancia.»

Apezar disso continuamos a importar do estrangeiro forragens de qualidades inferiores.

Em Santa Catharina apenas se cultiva a alfafa, em pequena escala.

Nos campos lageanos, considerados como os melhores do sul do Brazil, e nas *encostas* das serras, existem riquissimas forragens, como, a *crissiuma*, o *caráhasinho*, o *papuam*, o *carrapicho*, o *cambarásinho*, etc,

Quando tratarmos da industria pastoril em Santa Catharina nos occuparemos mais detalhadamente deste assumpto.

Aproveitamos a occasião para dizer alguma cousa sobre as madeiras de construcção e de marceneria, tão abundantes no Estado e que ainda não têm a exportação que comportam.

A cidade de Itajahy é a maior exportadora de madeiras, devido naturalmente a facil conducção pelo leito do rio.

Se houvesse communicacão facil dos municipios serranos para o littoral, bastaria a exportação do pinho para tornar riquissima aquella bella porção do Estado, pois, a nossa araucaria é alli abundante e de respeitavel desenvolvimento. Não tememos contestação, affirmando existir nos velhos pinheiraes araucarias com mais de 60 metros de altura.

A madeira de lei é tão commum em serra acima que pouco valor tem.

Destacamos as seguintes, como as mais preciosas do Estado: *canela preta* (1ª classe), *jacarandá rosa e roxo*, *araribá rosa*, *canela prego* (1ª classe), *ipê*, *peroba rosa e amarella*, *araçá*, *canela sassafraz*, *angico vermelho*, *cabriuna*, *cambui*, *oleo pardo*, *cedro vermelho*, *louro*, *carvalho*, *massaranduba*, *pinho*, *cambará*, *camboatá*, *canema*, *canharana*, *guajaira*, etc.

A exportação agricola e dos productos correlatos em Santa Catharina é variada, não apresentando, porém, grandes cifras.

Exporta em maior escala o café, a herva-matte, a banana, o abacaxy, para os mercados platinos, que tambem consomem a laranja e o sagú.

No exercicio de 1898 foram exportados pelo porto da Capital

304.977 cachos de bananas no valor de 114:331\$800 réis. Exporta milho, feijão, arroz, assucar e aguardente de canna, mellado, tapioca, farinha de mandioca e polvilho, amendoim, herva-matte, batatas, fructas e madeiras para os portos nacionaes.

Os municipios serranos exportam fumo e herva-matte, alem de grande numero dos productos oriundos da industria pastoril, sua principal fonte de riqueza.

Além d'esses artigos, a campanha do norte do Rio Grande do Sul consome a aguardente, a rapadura, e o assucar mascavo, provenientes dos pequenos engenhos das margens do rio do *Peixe* e do *Pelotas*.

A exportação catharinense tem augmentado annualmente e sentimos não possuir o resumo do exercicio de 1899, pelo que transcrevemos o de 1898, supprimindo os generos que não se relacionam com o assumpto que nos occupa a attenção.

Pelo quadro abaixo se vê que a farinha de mandioca, o polvilho, o assucar, a aguardente, o arroz e o feijão são generos que sahem por quasi todos os portos do Estado.

A herva matte é exportação do norte, principalmnte de S. Francisco e Joinville.

O milho e o feijão são exportados pela Laguna, Tubarão e Capital.

Laslimamos não ter a mão o mappa da exportação dos municipios serranos, que nos daria um augmento consideravel para o fumo e a herva-matte.

Terminando, damos abaixo o mappa a que nos referimos, deixando para mais tarde o estudo dos meios de desenvolver a agricultura em Santa Catharina.

*Mapa dos generos exportados pelos portos catharinenses no anno de 1898*

GENEROS	Capital	Laguna	Tijuca	Itajahy	Joinville	Tubarão	S. Francisco
Aguardente . . . . .	133.580 l.		17.807	600.827	244.306		292.740
Arroz pilado. . . . .	12.980 k.	35.300	85.320	211.560	12.000		509.660
Assucar mascavo. . . . .	932.862	170.275	378.420	1.723.405		31.215	
Bananas. . . . .	304.977 c.		62.000				19.512
Café chumb. . . . .	346.329 k.			55.340			
Farinha de araruta . . . . .	3.012 k.						
» de mandioca . . . . .	3.800.729 k.	7.570.335	1.486.116	1.290.795		176.367	709.940
» de milho. . . . .		16.596					7.094
Feijão . . . . .	643.983	1.365.164		137.492		533.986	13.850
Fumo em corda . . . . .	1.800 k.						
» em folha. . . . .				68.206			
Laranjas. . . . .	47.080 f.						
Madeiras . . . . .	75 d.		8.420	2.275			
Melado. . . . .	34.580						
Milho. . . . .	27.127 k.	572.982				134.795	
Polvilho. . . . .	234.119 k.	135.980		92.635		8.380	50.597
Tapioca. . . . .	73.494 k.						
Amendoim . . . . .		23.327					
Taboas . . . . .		3.876					
Charutos . . . . .				5.485.300			
Herva-matte. . . . .				11.889	214.255		3.863.792
Ripas. . . . .				236.000			

(Continúa)

N. C.

## O nascer do sol, apreciado do Morro da Lagoa

(SANTA-CATHARINA)

Eram tres horas quando tomámos os cavallos; a manhã estava de uma pureza extraordinaria, o ar de uma frescura agradável; no céu nem uma nuvem se via e quanto a claridade, só a das estrellas, a scintillarem sobre um fundo negro, ligeiramente tirante a azul: Sirius caminhava para o Zenith, em quanto a grande constellação de Orion atirava-se precipite na direcção do Occidente.

Os animaes, fogosos, bufavam com a satisfação de terem passado uma boa noite e em cinco minutos venceram, na sua marcha rapida, a rua Formosa e enfiaram-se na de Sant'Anna.

S. Luiz, Pedras Grandes, Carreiras foram egualmente attingidas; um pouco mais e eis nos em frente ás Tres Pontes, que deixámos á esquerda, como minutos após deixámos a direita o Campo das Camarinhas. Está percorrida a planicie; chegou agora a vez de subir; enfim são quatro horas e achamo nos no alto do Morro da Lagoa.

E' aqui que precisamos ficar; apeio-nos; a excursão não pode ser mais curta e nem podia fazer-se em melhores condições.

Uma hora para apreciar um quadro sem igual! — quem não o faria? Quem não despenderia mais que isso, para gozar a suprema ventura de immergir fundo seus olhos na contemplação de scenas, que não são comuns? Porem que barra luminosa é aquella, que se divisa lá longe, em sentido horizontal? São os primeiros albores do dia, que se revelam; é o

primeiro osculo que o sol envia á terra, no hemispherio em que estamos, sorprehendendo nos seus segredos, seus mysterios.

Eis que lá se mostra uma outra mais ao alto e quasi parallela; é a luz que vence a distancia, pallida, aperolada, sem força para dominar a que desce das estrellas, mas é a luz do sol que, dentro em pouco, irradiará por toda a parte.

Saudemos o dia que desponta! Que suba a luz bemdita, e a terra, no seu rodar vertiginoso, que gyre mais depressa ainda, si é possível, para que mais rapidamente possamos banhar nos em seus raios luminosos.

São quatro horas e um quarto; agora é dia; as ultimas estrellas soinem-se no firmamento.

Mas como é admiravel esta transformação subita das scenas da natureza!

Ha pouco o negror da noite apenas quebrado pela luz mysteriosa das estrellas; depois uma fita luminosa do oriente, dir-se-hia um traço de luz diamantina, que em breve se converte em facha.

Como foi? Quem o sabe?

Não se tem ainda formado uma conjectura e já uma outra e mais outra e ainda outra se exhibem, e de repente, quando se as procura,—que é dellas? nem vestigio se observa; a luz está difundida, esparsa: mais alguns momentos e a paisagem destaca-se, esplendida, num relevo encantador.

Examinemol-a.

A nossos pés o declive da montanha, revestido de verde em todas as gradações, segundo a especie de cultura preferida: aquelle tracto de terra, que alli está, á laia de jardim, com seus arbustos alinhados, arruados, de côr verde-negro, é uma roça

de café; aquelle outro, tambem coberto de uma vegetação menos escura, porem mais baixa, é uma roça de mandioca; surge agora um trecho de capoeira com seu verde-pardo é o terieno em descanso; o verde claro, que vem em seguida, é uma roça de milho e aquellas moitas de verde em todos os matizes, que se estende alem, é uma roça de bananeiras: tudo isto a nossos pés, alem a matta com seu verde especial, vivo, alegre. Semeados aqui e alli os corpos brancos das habitações, dentre os quaes se destaca a egreja do lugar, incrustados na montanha, com que forma um contraste encantador o desenvolvimento sinuoso do caminho cõr de barro, que conduz a freguezia.

Lá em baixo, formando uma especie de bacia dupla, lindissima, a lagõa, vasto espelho de prata, quando chegamos, onde reflectiam-se as estrelas, agora de um azul avelludado nas partes não attingidas pela sombra, que lá está a projectar o morro do Retiro, a limal-a por todo o lado direito até a nossa frente; á esquerda as terras baixas do Rio Vermelho, e entre estas e aquelle a barra, que a põe em comunicação com o Oceano; — a lagõa, cujas margens são orladas pela fita creme das praias, onde as rêdes dos pescadores, estendidas em varaes, seccam ao ar, ao mesmo tempo que descansam dos trabalhos da noite

Que encanto, que poesia dá á paysagem aquella pequena ponte, que alli está, á esquerda, a ligar as terras da Lagõa ás do Rio Vermelho, justamente no ponto em que a massa d'agua se biparte.

Para alem do morro do Retiro, em direcção ao sul, por onde quer que nossa vista possa estender se, as praias da freguezia, alvissimas, com

suas dunas interessantes e a vegetação mesquinha, peculiar das proximidades do mar.

Em frente a nós, para a direita e para a esquerda, até onde nossos olhos alcançam, o Oceano, vasto, enorme, povoado de ilhotas risonhas; as ondas, não agitadas pelo vento, se embalam docemente, mollemente.

Esta a paysagem, cujo conjuncto não pode ser mais gracioso.

Pois bem, para coroaal-a, colloca agora, leitor, ao fundo deste quadro o sol a emergir do seio das aguas, e dize-me depois si de bellezas taes é a natureza prodiga.

R. J.

1897.

(José Raimundo de Silveira Júnior?)

## ELLE E ELLA

(A DOIS NOIVOS)

Hermes elle se chama: Ida é ella,  
Tão risonha, tão meiga, tão mimosa,  
Como a florinha agreste e perfumosa,  
Qual doce violeta ella é tão bella.

Elle, um bello rapaz que adora aquella  
Virgem tão pura, candida e bondosa,  
Essa esperança doce e delliciosa  
Que acalenta-lhe o ser, que doce o anheia

O' como é bello vel-os tão unidos,  
Elle, com seu falar tão delicado,  
Ella, com seus encantos seductôres;

Parecem-me dois entes rennidos  
Em um só ser perenne e apaixonado,  
Como dois anjos, soluçando amôres...

Mario Emilio

1-3-1900

O sr. d r. Liberato Bittencourt, uma das maiores esperanças da nossa terra, em amistosa carta ao nosso redactor-secretario, autorizou a *Revista Catharinense* a contar com a sua proveitosa e brilhante collaboração.

## Uma carta

Escreve-nos o respeitavel sr. dr. Evaristo Nunes Pires, nosso illustre collaborador:

« Acalo de ler, por especial obsequio de um distincto consocio do « Centro », o *Anuario* que no Desterro, hoje Florianopolis, ultimamente publicou o sr. F. Costa.

No humilde trabalho, em que ligeiramente esbocei a vida do meu venerando e douto avô — Feliciano Nunes Pires — apparece uma nota do redactor do *Anuario*, significando que esqueci-me de que aquelle illustre catharinense presidiu a provincia do Rio-Grande do Sul, de 1836 a 38.

Labóra em engano, pelo menos, o sr. F. Costa. Em carta que apressei-me em dirigir-lhe, respondendo á que me escrevêra, accentuei, que só lhe enviava a *parte biographica* de um trabalho meu publicado em 1874, relativo áquelle varão: do que se deduz que *outra parte* tinha tal trabalho. Pois bem: esta contém a, para mim, professor de historia patria, parte mais importante; mesmo porque, havendo sido mal apreciado, injusta e malevolamente considerado o papel que o meu nunca assaz lembrado avô desempenhou na carreira poitica, corri a restabelecer a verdade dos factos a elle referentes e aos mais personagens em geral (isto é, não individualmente) no periodo de Maio a Setembro de 1837—tempo em que presidiu o Rio Grande do Sul, mostrando-se na altura que lhe confiára o governo do 1.º Regente do Acto Adicional e em tão calamitosa quadra como a que atravessava o Brazil, em geral e o Rio Grande do Sul especialmente,

Do meu tosco tentamen não envío á illustrada redacção um exemplar, porque apenas possuo o que guardo na minha modesta estante; zêlo-o— como devo— alem de mais, porque, na especie, foi o meu primeiro ensaio.

Digne-se ordenar ao seu etc.

2 de Março de 1900.»

## A posse

Foi revestida da maior solemnidade, a sessão de posse da nova directoria do « Centro Catharinense », realisada a 28 do passado.

A presença de grande numero de socios, alguns acompanhados das exmas. familias e a representação official da imprensa fluminense e de diversas associações similares da nossa — « Gremio Paraense » e « Centro Cearense » — e do « Club Brasileiro Commercial », todos com séde nesta capital, deram á reunião do « Centro Catharinense » a nota mais grata que possa ter sonhado a directoria extincta; e ao mesmo vieram afirmar as esperanças com que é recebida a actual direcção.

As saudações sinceras de que fomos alvo pela orientação impressa a nossa sociedade, calaram fundo no coração catharinense, como a maior recompensa ao mourejar de cada dia, nesta casa, cujo engrandecimento é, para muitos de nós, o maior desejo neste momento. Satisfizeram-nos como a consagração de quanto esforço tenhamos despendido no afan ininterrupto de congregar, fóra do nosso Estado, todos aquelles que a elle se acham vinculados por traço forte de affeição.

E' um dever inilludível fazer publica essa tão grata impressão que perdurará indelevel.

Abstemo-nos da publicação da Acta, por terem-n'o feito, muito graciosamente, alguns dos nossos collegas da imprensa d' esta capital; entretanto não nos furtarem os a dar aos nossos patrícios as palavras com que o nosso director dr. Theophilo Nolasco d'Almeida passou a administração ao actual presidente, o nosso velho mestre, sr. José Ramos da Silva Junior:

« A expontaneidade de todos os meus actos, fez com que, ha dois annos, tomasse a responsabilidade, que sobre mim pesou, até hoje, assumindo a presidencia do « Centro Catharinense ».

Nada tendo feito, um grande consolo, me resta neste momento: — Si não deixo saudades — mais não me atreveria a pedir — são tantas as que levo, que, me parece, nenhuma outra posso exigir; e... crivado de saudades e sempre vivas, deste pequeno grupo de conterraneos que, tão generosamente, matizaram das mais lindas côres os meus dias, até hoje, viverei.

Grandes sempre foram as minhas esperanças, acerca do « Centro », maiores serão ainda de hoje em diante; e... a esperança é como o arco-iris, após os dias tempestuosos. Nitidas são as cores do espectro, que nos apresenta, desaparecendo em alguns instantes. Começa a manifestar-se e ha de scintillar, chamando a atenção de todos os nossos conterraneos, como symbolo que é d' alliança, entre o Céu e a Terra, mesclando, finalmente, todos os matizes, restituindo-nos um symbolo branco de paz, que tenue como a neve, se ha de derramar sobre nossas cabeças!

E' esta a minha aspiração, sempre foi este o meu desejo; mas, para que tanto se possa obter, é necessario saber

sentir, para que experimentemos brilhar, dentro de nossa alma, acima de todas as paixões, luminosa centelha, que, ao menos, por alguns instantes, nos mostre, ainda que longe, sobre este firmamento, o Céu querido da nossa Terra.

Occulta, embora, pela vastidão do Oceano, o amor jamais a deixará esquecer. Que unisono seja ao menos uma vez no anno, o latejar de nossos corações, reforçado sonoramente pela saudade e no conjuncto, sobre este acanhado tecto, onde uma brisa de nossa Terra parece soprar, que se erga do olvido o nosso passado e a nossa meninice, puros e verdadeiros como os nossos primeiros sonhos; — são estes os meus desejos, eis o que mais almeja, no meio das expansões a minh' alma!

E' justa, é muito justa, a curiosidade dos catharinenses, hoje aqui presentes. E' justo, será eternamente justo este elevado sentimento, generoso e patriotico, quando ninguem ignora haver, n' esta capital, catharinenses que soffriam, sem marco, sem phanal, vagando incertos a mercê dos soffrimentos e das necessidades. Não é menos elevado este proceder, quando, é sabido, no dia de hoje, esta util associação, fundada ha tres annos, vai passar a uma nova directoria, que, ao lado do talento, traz a força, a experiencia e a vontade, requisitos estes indispensaveis que, até aqui, faltavam ao seu Presidente, e que sobram ao seu sempre mestre e hoje successor.

Digno entre os mais dignos, illustre entre os mais illustres, catharinense entre os mais catharinenses: elle sempre antepoz ao coração de sua patria, o seu grande coração; a vida do seu talento; o fulgor da espada que maneja... a penna que scintil-

la, que brilha, que offusca a luz de um dia que jámais se acaba, porque continuará, por ahi, além, condusindo a luminosidade de uma das mais puras consciencias, de uma das mais bellas convicções.

E' elle, meus snrs., quem nos traz no dia de hoje, para dentro deste recinto, que representa o nosso Estado em miniatura, a nossa Patria inteira! Sendo assim, a sua eleição era um direito, e o direito é sempre o direito: nasce ao primeiro balbuciar da criança com a intuição do meu e subsiste, sempre viçoso no coração o mais desilludido de todas as cousas da vida, do encanecido e honrado ancião. Denso como o peso de todo o passado, brilhante como o mais polido dos espelhos, inquieto como a mais copada floresta ao mais leve ciciar das brisas, unido como os pontos de uma recta: cala, offusca, agita-se, expande-se, como o azougue, ao menor choque, semelhante um exercito em campo, uma sã consciencia, pretendendo desdobrar-se aos milhões.

Snrs., eu me sinto acanhado neste meio, que, hoje como sempre, me ofusca e offuscou. Falto de tudo, no meio de nōmes tão venerandos, cercado de filhos tão illustres da nossa Terra; era impossivel o que de mim quizestes exigir e preciso era fazer cessar. Esmagado com todo este peso na minha consciencia, foi a imagem da Terra que, serena, com aquella pureza de quem exige um sacrificio, o que até hoje me apontou o caminho percorrido. E, a Patria é mesmo assim, e só ella, é capaz, no meio do crepitar lugubre de um incendio, no meio do bramir solemne das vagas, no meio do estallido cavernoso de um naufragio, no meio do fremito de uma batalha... fazer, de um indifferente, um abnegado, de um atheu

um christão, de um covarde um heroe, de um trapo uma bandeira... a vida, um trophéo de glorias nunca mortas, porque o seu material é a nossa consciencia.»

---

## DESCOENÇA

---

Meu pobre coração que tanto amaste  
E que tanto soffreste no passado,  
Não me queiras tornar mais desgraçado,  
Com a nova paixão que despertaste!

Praza nos céos que esse amor te não agaste  
Mais do que foste out'ora atormentado...  
Melhor fóra não teres reparado  
No rosto angelical que me mostraste

De teu novo acordar só magoa espero  
Minh'alma nada tem que te conforte  
E por ver-te infeliz eu desespero!...

Coração! te lastimo assim a sorte  
Porque soffro tambem, porque te quero  
E porque n'esse amor buscas a morte!

Abril — 1900.

Rogondel

---

Além dos volumes offerecidos pelo nosso patricio e consocio Sr. Jovita Eloy, já noticiados no nosso numero anterior, entraram, durante o mez de Março findo, mais 30 volumes para a bibliotheca do «Centro Catharinense».

Aos doadores srs. capitão-tenente Julio Alves de Brito, João Paulo Miranda de Carvalho, dr. Theophilo Nolasco d'Almeida, Carlos Marques Leite, Emilio Simas e Joel Silva, apresentamos, competentemente autorizados, os agradecimentos da directoria.